

# Espanhóis preferem o turismo

por Rodrigo Mesquita  
de Barcelona

O setor turismo pode ser o principal destino dos investimentos espanhóis no Brasil por meio do mecanismo da conversão da dívida externa em capital de risco. "Quem arrisca essa opinião é o banqueiro Alfredo Sáenz, presidente da Banca Catalana, do grupo financeiro Bilbao-Vizcaya — o primeiro banco espa-

nhol com um volume de depósitos em torno dos US\$ 25 bilhões.

Com a experiência de quem já negociou cerca de US\$ 50 milhões em títulos da dívida mexicana, convertidos em investimentos hoteleiros por empresários espanhóis, Sáenz ressalta os benefícios que, em sua opinião, oferece esse mecanismo. "Do ponto de vista dos bancos europeus em geral e dos espanhóis em

particular, esse é um mecanismo que apresenta diversas vantagens, principalmente porque é uma forma de passar adiante uma dívida de cobrança bastante complicada."

A posição dos bancos espanhóis com relação à dívida externa do Terceiro Mundo, entretanto, é bastante confortável. O pouco de dívida que possuem está praticamente coberto pelas exigências de aprovisiona-

mento que o Banco de Espanha — o banco central espanhol — vem fazendo para esse tipo de empréstimo nos últimos anos. Nesse sentido, é do lado dos empresários que estão as maiores possibilidades de comercialização dos títulos da dívida brasileira. Pois, como afirma Alfredo Sáenz, "o interesse dos banqueiros se manifesta na medida em que eles tenham dívida ou clientes interessados."

A participação espanhola nos leilões da dívida e nas conversões informais ainda é baixa. O próprio Sáenz admite que até o momento nenhum investidor procurou o banco que dirige, mostrando interesse sobre o assunto. Mas mesmo assim ele acha que existem boas chances. "No caso do Brasil, a dívida que possuem os bancos espanhóis é bastante pequena, mas eu acredito que desde o ponto de vista do cliente, principalmente na área turística, os leilões da dívida brasileira podem despertar bastante interesse."

O catedrático de Economia Joaquim Muns, deputado no Parlamento Europeu e ex-diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI), considera que as áreas atrativas para o investidor espanhol não se restringem ao turismo. Muns, que recentemente esteve no Brasil acompanhando o presidente da Generalitat — governo autônomo — da Catalunha na visita oficial que este reali-

zou ao País, no final de agosto, acredita que as áreas de interesse são, em princípio, todas. "As únicas limitações são as que coloquem as autoridades brasileiras", afirma ele. E, no que diz respeito à Catalunha e aos empresários catalães, são especialmente interessantes os setores químico, metalúrgico, agroindustrial, têxtil e de couros, acrescenta.

Muns, que no Parlamento Europeu em Estrasburgo exerce a vice-presidência da delegação para as relações com a América Latina, está convencido de que existem boas perspectivas para a realização de investimentos espanhóis no Brasil por meio desse mecanismo — no ano passado o Brasil ocupou o posto número 15 no ranking dos investimentos externos da Espanha, com US\$ 12,2 milhões de um total de US\$ 1 bilhão. Ele chama a atenção, entretanto, para o que, na sua opinião, pode ser um complicador.

"Do ponto de vista europeu, o grande temor com relação à economia brasileira é a indefinição. Existe uma tendência ao protecionismo e outra ao livre-cambismo e o grande problema para o investidor estrangeiro são as incertezas e as incógnitas com relação a isso, mais que por uma marcada tendência ao protecionismo." Em todo caso, manifesta a esperança de que isso se aclare com a definição do panorama político no País.